

FAMÍLIA, MEMÓRIA E MORTE NAS INSCRIÇÕES SEPULCRAIS DE *MEDIOLANUM* (I-II d.C.)

Luciane Munhoz de Omena¹

Margarida Maria de Carvalho²

Resumo

Ao levar em consideração os estudos contemporâneos sobre as atitudes diante da morte e dos mortos, analisaremos, dada à relevância documental, temática e histórica, alguns epitáfios femininos presentes na região de *Mediolanum*, atual cidade de Milão. Sabemos que, embora não tenhamos vestígios de necrópoles, tal como em *Isola Sacra*, os testemunhos mortuários presentes no *Civico Museo Archeologico di Milano* apresentam uma vasta gama de estelas em pedras, lastras de monumentos funerários com guirlandas em pedra, altares e urnas funerárias em mármore, evidenciando a riqueza de uma região conhecida, à época de 49 a.C., como *municipium ciuium romanorum*. Sob esse aspecto, torna-se relevante analisar, por exemplo, uma elegante estela, datada entre os anos finais do século II d. C., como um raro testemunho de uma mulher que, sem dúvida, com uma forte personalidade, comissiona o monumento funerário aos seus familiares. A partir daí, compreendemos que os epitáfios imortalizavam os falecidos bem como estimulavam a *pietas* de seus familiares. Logo, ao fazer referência à epigrafia sepulcral, realçamos as conexões e as simbologias entre palavras escritas e faladas, pois, assim concebida, a repetição ritual evocava a memória do falecido.

Palavras-chave

Família; morte; memória; inscrições sepulcrais.

¹ Professora Doutora, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. E-mail: lucianemunhoz34@gmail.com

² Professora Doutora, Universidade Estadual Paulista, Franca, Brasil. E-mail: margomc@terra.com.br

Abstract

Considering contemporary studies on attitudes towards death and the dead, we will consider, given the documentary, thematic and historical relevance, some epitaphs for females present in the region of *Mediolanum*, the modern city of Milan. We know that, although we do not have remains of necropolises, as in Isola Sacra, the mortuary evidences present at *Civico Museo Archeologico di Milano* exhibit a wide range of stone stelae, *lastras* of funeral monuments with stone garlands, marble funeral altars and urns, highlighting the richness of a region known, at the time of 49 BC, as *municipium ciuium romanorum*. In this respect, it becomes relevant to analyze, for example, a gorgeous stela, dated between the last years of the second century AD, as a rare testimony of a woman who, undoubtedly, with a strong personality, commissions the funeral monument to her relatives. Thenceforth, we understand that the epitaphs immortalized the deceased as well as stimulated the *pietas* of their relatives. Thus, in referring to the sepulchral epigraphy, we emphasize the connections and symbology between written and spoken words, for, thus conceived, ritual repetition evoked the memory of the deceased.

Keywords

Family; death; memory; tomb inscriptions.

Quando pensamos acerca de estudos arqueológicos, mortuários, suas simbologias, pesquisas militares e teoria da história na sociedade romana, remete-nos ao nosso ilustre Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, a quem expressamos nossos sinceros agradecimentos por ter nos auxiliado em nossa formação acadêmica. Sob sua supervisão, nos anos de 2006 (Margarida Maria de Carvalho) e de 2015 (Luciane Munhoz de Omena), realizamos nossos primeiros estágios de pós-doutoramento, com financiamento do CNPq/PDJ e da CAPES/FAPEG, respectivamente, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Tal parceria possibilitou-nos a publicação de diversos artigos em coautoria e a produção de coletâneas com o referido professor, como, por exemplo, *História Militar do Mundo Antigo* (2012), *Práticas funerárias no Mediterrâneo Romano* (2016), *Diversidades Epistemológicas* (2017), *Experiências sociais da morte: diálogos interdisciplinares* (2017), *Religiões e religiosidades na Antiguidade Tardia* (2017), dentre outras produções.³ Nota-se, portanto, que os estágios de pós-doutoramento reuniram pesquisadores vinculados a instituições públicas brasileiras e internacionais, que, alinhados com nossas pesquisas sobre cultura material, memória, morte, exército romano e teoria da história na Antiguidade, disponibilizaram tempo e trabalho, brindando-nos com artigos.

Nesse cenário profícuo, propomo-nos a refletir sobre as relações familiares representadas na epigrafia sepulcral, de modo a investigar a experiência social da morte no ambiente familiar da sociedade mediterrânea de *Mediolanum*. Entendemos que a cultura material é inseparável da vida social. Os objetos são dimensionados, classificados e empregados nas sociedades, pois, tal como supõem Eckardt e Williams (2003, p. 141 - consultar ainda Guarinello, 2011), assim como as pessoas, os objetos possuem uma história social. Então, sob a condição de objeto, a escrita impressa em *inscription*, comumente denominada *epigraphe*, poderia ter superfícies, como blocos de cera, cobre, utensílios domésticos, fragmentos de cerâmicas, ossos, pedras, entre outros (Cf. Cooley, 2012). Aqui, sem ressalvas, os epitáfios, componentes dos edifícios e monumentos funerários, que compunham o cenário das estradas

³ CARVALHO, M. M.; FUNARI, P. P. A.; CARLAN, C. U.; SILVA, E. C. M. (Orgs.). *História Militar no Mundo Antigo*. São Paulo: Annablume, Fapesp, Unicamp, 2012, 3 volumes. OMENA, L.; FUNARI, P. P. A. (Orgs.). *Práticas Funerárias no Mediterrâneo Romano*. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2016. FUNARI, P. P. A.; CARVALHO, M. M.; JOSÉ, N. F. (Orgs.). *Diversidades Epistemológicas: A teoria aplicada à pesquisa histórica*. 1ª ed. Curitiba: Prismas, 2017. OMENA, L. M.; FUNARI, P. P. A. (Orgs.). *Experiências sociais da morte: diálogos interdisciplinares*. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco Editoria, 2017. CARVALHO, M. M.; FUNARI, P. P. A.; CARLAN, C. U.; PAPA, Helena Amália (Orgs.). *Religiões e Religiosidades na Antiguidade Tardia*. 1ª ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

romanas, transfiguravam-se em observatório dos transeuntes, convertendo-se, deste modo, em símbolos de riqueza e prestígio social aos familiares do falecido (Cf. Wallace-Hadrill, 2008: 43).

Pode-se observar que os registros epigráficos, tal como propõe Ray Laurence (2012: 06), integram-se à sociedade. A vida de um indivíduo pode ser relatada em uma narrativa que designa, em muitas circunstâncias, um acontecimento pretérito associado às suas relações familiares, à exploração do curso de uma vida e à construção de projeções futuras.⁴ Torna-se, então, relevante analisar, nesse sentido, uma elegante estela, datada entre os anos finais do século II d. C., como um raro testemunho de uma mulher, Segunda Bolana, que, sem dúvida, com uma forte personalidade, comissiona o monumento funerário aos seus familiares.

Entendemos que as inscrições sepulcrais se tornaram imprescindíveis. Conseguimos, inclusive, saber quando se trata de um relevo funerário pelo epitáfio. Mesmo na ausência de edificações funerárias, as inscrições nos oferecem, com frequência, dados acerca das medidas da sepultura, como, por exemplo, as informações da sepultura de Segunda Bolana, indicando suas medidas. Neste caso, o testemunho apresenta a seguinte informação: “15 pés na fachada [sc. edifício] e 30 pés de profundidade” [*In fr(onte) p(edes) XV in agr(um) p(edes) XXX*]⁵. Assim, em relação ao fragmento de informação, podemos concluir que, em termos aproximados, a área do edifício⁶ teria 41,8 m², o que nos leva à padronização da edificação romana, uma vez que teríamos dois quadrados juntos formando um retângulo. Não temos as dimensões da altura do edifício, já que não possuímos informações sobre a planta baixa. A título de comparação, encontramos em *Isola Sacra* edifícios com plantas quadradas com 10 pés de fachada e profundidade ou, em se tratando de edificações superiores, com 40 pés de fachada e profundidade, bem como plantas retangulares que seguem os padrões 10x12, 18x38 e 20x43 (Carrol, 2006: 99-100). Então, se pensarmos nas respectivas medidas, o edifício de

⁴ Na morte precoce de crianças, por exemplo, encontramos representações de jovens togados em sepultamento de indivíduos com nove meses de idade. A comemoração familiar idealiza a criança, pois, em sentido simbólico, a toga tangencia a presença das magistraturas e de suas correlações com o prestígio social, alusivo à condição do falecido, se tivesse vivido até a maturidade (Cf. Huskinson, 2007, 332).

⁵ Transcrição de Sartori, 1990, p. 38. Tradução Omena, 2017. Consultar também: Petronio. *Satyricon* 6.71.

⁶ A conversão oficial indica que 1 pé equivale a 0,3048 m; logo, 15 pés equivalem a 15 x 0,3048 m = 4,572 e 30 pés, o dobro disso, é igual a 9,144 m. Então, para a superfície, basta multiplicarmos as duas dimensões: 9,144 x 4,572, resultando em 41,8 metros quadrados.

Segunda Bolana, como supomos, deveria ser uma construção com uma área imponente, indicando, dessa forma, a riqueza da família.

Compreendemos que as áreas de enterramento, com a presença de fragmentos de monumentos funerários reutilizados (I a. C. - III d. C.), foram descobertas nas atuais áreas de Milão, como em *Piazza Cavour*, *Via Croce Rossa*, *Via Fontana*, *Via Monte di Pietà*, *Via della Spiga*, *Area del Policlinico*, *Via Quadronno*, *Via Orti*, *Via della Commenda*, *Giardini Pubblici*, *Area di Sant'Ambrogio*, *Università Católica*, *Parco Sempione*, *Area di Sant'Eustorgio* e *Area di San Vittore al Carpo* (Donatella Caporusso *et al.*, 2012, 126-129). No mapa abaixo, temos a indicação dos números de um a quinze que sinalizam as áreas localizadas onde foram encontrados vestígios mortuários. Como se nota, destacamos o número quatro, local em que se achou, no período do século XVI, a estela em questão:

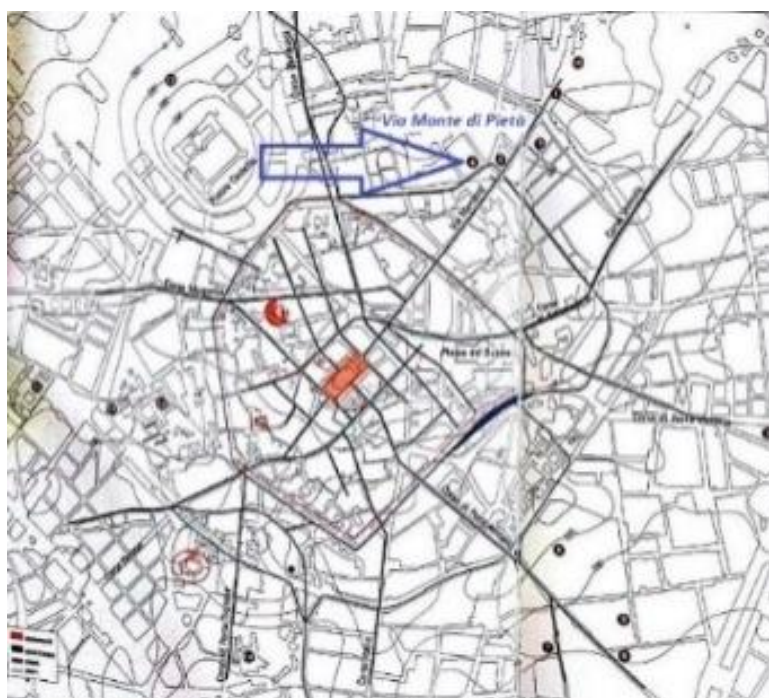


Fig. I. Mapa atual de Milão. Nele, temos os locais onde se situam os fragmentos mortuários (Donatella Caporusso *et al.*, 2012, 128-129).

Diante da possível localização da área de construção do edifício mortuário de Bolana, a própria medida da estela — confeccionada em mármore, em formato retangular, com dois metros e dezesseis centímetros de comprimento, 77 centímetros de largura e 65 centímetros de espessura — deveria impor sua presença na composição do edifício mortuário. Ademais, convém destacar, a suntuosidade torna-se notável por sua escrita. Como se observa no desenho abaixo (Fig. II), a inscrição sepulcral foi grafada no estilo *capitalis*, uma grafia considerada elegante e

visível, que se encontrava frequentemente em monumentos públicos, funerários e em alguns manuscritos, como, por exemplo, constata Bischoff (1986, p. 55) em Virgílio ou nas *Epistulae Morales*, de Sêneca. Vê-se abaixo o desenho da estela:



Fig. II. Desenho da Estela de Segunda Bolana (Sartori, 1994: 38).

Estando a pedra lisa, o *sculptor* ou *scriptor titulorum* produzia linhas horizontais com giz, carvão ou pintura para marcar a parte superior e inferior de cada linha da letra. Em seguida, o *scriptor* esculpia o texto e, em termos visuais, a mensagem tornava-se não só mais legível, como também mais notável, uma vez que o texto aparecia em linhas retas, sem deformação. As palavras poderiam ser gravadas em tamanhos maiores ou menores, dependeria do que se pretendia realçar ou, em termos mais funcionais, diminuir com relação ao tamanho da pedra para a inscrição. Em relação a Segunda Bolana, supomos que a mesma destacou a sua *gens* em detrimento da preciosa informação de que comissionou o memorial a si e aos seus familiares. Como se percebe, a fórmula *V(iva) f(ecit)* [viva fez] encontra-se na parte superior da estela, acima das representações dos golfinhos. Abaixo, temos a estela de Segunda Bolana; em destaque, evidenciam-se a imagem do golfinho e a cabeça da Medusa:



Fig. III. Estela de Bolana Segunda. N. Inv. A. 09 6600. *Cívico Museo Archeologico di Milano*. Créd. Omena. Julho de 2014. Datação: I-II d.C.

Fig. IV. Recorte da imagem do Golfinho. *Cívico Museo Archeologico di Milano*. Créd. Omena. Julho de 2014.

Fig. V. Destaque da figura Medusa com serpentes entrelaçadas. *Cívico Museo Archeologico di Milano*. Créd. Omena. Julho de 2014.

Além da presença glamorosa do mármore de Musso, cidade à beira do lago de Como,⁷ região norte da Itália, e igualmente da escrita

⁷ A atual cidade de Musso estende-se da costa do lago de Como às aldeias nas encostas do Monte Bregagno. De acordo com o que se constata nos vestígios mortuários, a região possuía pedreiras de mármore branco que foram, conforme sabemos, exploradas pelos romanos. Além da utilização deste material precioso no espaço funerário, a Catedral de Como e as colunas de *San Lorenzo* em Milão tiveram em sua

imortalizando sua família, temos também elementos decorativos que se vinculavam às práticas religiosas, quais sejam: os golfinhos e a Medusa. No que se refere aos golfinhos (figuras III e IV), eram animais considerados sagrados, sua inteligência e beleza aerodinâmica aparecem em evidências textuais e iconográficas, determinando, em termos gerais, o ambiente marinho (Hawtree, 2014: 07). Os golfinhos eram estilizados e esquematizados em tamanhos menores, assim como observamos na estela de Segunda Bolana; pertenceriam, portanto, segundo nossa argumentação, ao espaço funerário, considerando que aludiam ao simbolismo da passagem para vida futura. Ou seja, assim como *Statius* em *Thebaid* (9.242-7), que descreve golfinhos conduzindo cardumes de peixes às profundezas, o animal majestoso guiaria igualmente os mortos aos *manes* (Cf. Jacqueline, 2005; Macknonn: 2014).

Na sequência, encontramos a representação da Medusa. O seu rosto é arredondado e, embaixo de sua face, temos duas serpentes entrelaçadas (Figuras III e V). Segundo nossa análise, a presença da Medusa em contexto funerário é comum, uma vez que possui um caráter apotropaico. É a guardiã da tumba. (Cf. Gillet; Mahéo, 2000: 111-112; Auclair, 2009: 94; Clo, 2013: 53-55). Utilizando as palavras de John Sheid (2003, 140), pode-se dizer que a morte era em si um sequestro brutal, implacável e inevitável; portanto, a cabeça da Medusa, conhecida por causar medo e pânico, já que petrificava quem a via, poderia preservar a tumba. A hipótese é confirmada pela leitura dos *Digesta*, “monumento é aquilo que existe em função da preservação da memória” [*monumentum est quod memoriae servandae gratia existat*] (*Digesta*, 11.7.2.6). Logo, ao se conservar o monumento, mantinha-se a memória dos mortos ali sepultados, e de seus familiares. Isso pode ser explicado também em razão das constantes violações, pois saqueadores poderiam roubar bens da sepultura ou, como menciona Petronio, em tom satírico, transformá-la em latrina. Nesse sentido, o personagem Trimalquião determina: “vou colocar, então, um dos meus libertos de guarda na sepultura, para que o povo não corra a cagar no meu monumento” [*praeponam enim unum ex libertis sepulcro meo custodiae causa, ne in monumentum meum populus cacatum currat*] (Petronio, *Satyricon*, 6.71. Consultar também: Cooley, 2012; Remessal: 2016).⁸

composição o mármore de Musso. Disponível em: <http://www.comoanditslake.com/musso.htm> Acesso em: 05 de agosto de 2017.

⁸ Para este excerto, utilizamos a tradução de Cláudio Aquati (2008); entretanto, a alteração de *tumba* para *monumento* sugerida na passagem é responsabilidade das autoras. Entendemos que o texto petroniano usa o substantivo *monumentum* como sinônimo de memória e não, segundo sugere o tradutor, de túmulo. Em nossa compreensão, a palavra *monumentum* remete-se à memória. O *monumentum* também significa túmulo, tumba, sepulcro (Ulpiano, *Digesta*, 47.12.3). Nesse sentido, se nos

Nota-se nessa ação contra possíveis violações, a estratégia de preservação de memória. Nisto, enquadra-se o epitáfio. Sabemos que estas inscrições englobavam suportes materiais vinculados aos rituais de enterramento, como o ritual da deposição dos restos mortais em urnas, ânforas, sarcófagos e, em nosso caso, o ritual das mensagens escritas em estelas e altares funerários (Cf. Charles, 1983). Nas inscrições sepulcrais, deparamo-nos com informações preciosas sobre o sentimento de perda, as relações sociais de gênero, as relações familiares, detalhes biográficos, idealizações acerca do feminino e da infância, regras de uso da sepultura, testamento do falecido, magistraturas, ofícios, entre outras informações (Cf. Huskinson, 2011; Newby, 2011; Birk, 2011; Riess, 2012; Omena; Carvalho, 2014; Remessal, 2016, entre outras). As inscrições presentes no *Civico Museo Archeologico di Milano* revelam personagens como, por exemplo, Lúcio Verácio Terenziano, nomeado em um altar funerário, medindo 89 cm de comprimento, 34 cm de largura e 26 cm de espessura. O altar apresenta um frontão com a fórmula epigráfica *D M (dis manibus)*, a saudação *Have Gregori* (Adeus Gregório) e a inscrição propriamente dita, emoldurada em estruturas retangulares em suas laterais, compondo, assim, o cenário do altar, com a presença de patera. Há uma inscrição nele (Fig. VI e VII).

Como se vê, a esposa Aurélia Primeira e o irmão do falecido, Castrício Cassiano, comissionaram um altar em honra a Lúcio Verácio Terenziano. Para tanto, utilizaram fórmulas epigráficas, como o tempo de vida do falecido, a presença dos deuses *manes* e de expressões com o uso de superlativos absolutos sintéticos (intensificadores de características), como em *marido caríssimo* – *carissimus* –, ou simplesmente com adjetivos que fortalecem as particularidades positivas do morto, fato que se nota em *irmão benemérito* – *bene merens* (Cf. Cooley, 2012: 128-129). À primeira vista, não observamos nenhuma peculiaridade se compararmos tal epitáfio a outros testemunhos epigráficos; entretanto, identificamos um detalhe interessante: embora não apresente versos elegíacos e expressões de dor, como na inscrição de Lúcio Trébio Divo, traduzida por Omena e

voltarmos à primeira parte de sua argumentação, *sepulcrum* significa sepultura, tumba; enquanto no segundo momento de suas lucubrações, a palavra *monumentum* induz à memória, uma vez que pretendia impedir possíveis ofensas, após a sua morte, ao incumbir um liberto da tarefa de proteger seu edifício funerário. Este não poderia se tornar latrina. Aqui, temos uma questão central: o sepulcro onde seus restos mortais estariam depositados, tal como se observa na lei [“Sepulcro é o lugar onde estão depositados o corpo ou os ossos do homem” – “*Sepulcrum est ubi corpus ossave hominis condita sunt*” (...) (*Digesta*, 11.7.2.5)], não deveria sofrer nenhuma violação, nem mesmo o edifício funerário, o seu monumento de memória. Portanto, supomos que *sepulcrum* e *monumentum* não podem, nesta passagem, ser compreendidos somente como recursos linguísticos a evitar repetições, usando, deste modo, palavras sinônimas.

Funari (2015), revela aos transeuntes uma saudação afetuosa: *Have Gregori, Adeus Gregório*.⁹ Parece-nos que a posição privilegiada da saudação indica uma seleção intencional, tornando Gregório e seus familiares visíveis e memoráveis (Sartori, 1994, 96). O *numen* de seu *patronus*, posicionado abaixo da reverência, transforma-se em uma mera formalidade, já que o comum seria a menção direta ao seu antigo *dominus* (Smith, 2006: 15-16; Carrol, 2011: 129).¹⁰ Mesmo sendo uma construção estereotipada ou, como indaga Hodder (2012: 146; Cf. Omena; Funari, 2015), transformada pela morte, muitas vezes, o que as pessoas não foram em vida, o epitáfio lança luz nas suas dimensões mais afetuosas. Parece-nos pertinente inferir que a saudação produz um significado mais pessoal à memória, em especial ao fato de os irmãos *Castricio Cassiano e Lúcio Verácio Terenziano* terem pertencido a distintos *domini* (Cf. Sartori, 1994: 96). Contudo, mesmo em tais circunstâncias, a morte, ao final, tê-los-ia unido.

A partir do exposto, podemos definir, de modo geral, que a comemoração aos mortos na epigrafia nos leva a reflexões sobre as representações das famílias, uma vez que as vidas dentro das famílias se vinculavam a um sistema de representações que normatizavam os papéis sociais (Laurence, 2012: 06), como as expressões de afeto. Em contraposição ao epitáfio a Lúcio Verácio Terenziano, que se vincula às dimensões afetivas do simbolismo da morte, temos, no epitáfio de Segunda Bolana, a exposição de sua *gens*. Citamos *in extenso*:

V(iva) f(ecit) Bolana M(arci) f(ília) Secundasibi et Vettiae Sex(ti) f(iliae) Civili f(iliae) et M(arco) Bolano M(arci) f(ílio) Aniens(i tribu) Marcello fratri IVvir(o) aedil(icia) potestate. H(oc) m(onumentum) h(eredem) n(on) s(equetur). In fr(onte) p(edes) XV in agr(um) p(edes) XXX. (Transcrição de Sartori, 1994, 38).

⁹ *Have* ou *ave* é uma expressão de adeus aos mortos (e.g. *Frater, ave*. Adeus, meu irmão), bem como saudação de bom dia, saudar alguém. (Saraiva, 1993: 133; Oxford Dictionaries, 1968: 210).

¹⁰ Se observarmos os vestígios materiais em *Isola Sacra*, perceberemos possível integração, inclusive, diríamos, um pouco mais afetiva [e.g. epitáfio de *Lucius Trebius Divus* (Omena; Funari: 2015)], entre libertos e seus respectivos *patroni*. Em algumas circunstâncias, os libertos seriam considerados membros de suas famílias, os quais passariam a portar o nome do *patronus*, passando, deste modo, a venerar o mesmo *numen*. Como nos lembra Carrol (2011: 129), os libertos passam a construir túmulos aos seus *patroni* e, por conseguinte, ano após ano, perpetuam suas memórias nos cerimoniais fúnebres; todavia, as relações sociais não representavam uma via de mão única; portanto, os *liberti* recebiam, igualmente, benefícios, como, por exemplo, a aquisição da cidadania romana e de propriedades, o acesso ao matrimônio e às negociações políticas, entre outros.



Fig. VI. Altar a Terenziano. N. Inv. A.09. 11040. *Civico Museo Archeologico di Milano*. Créd. Omena. Julho de 2014. Datação: II d.C.

Fig. VII. Desenho do altar de Terenziano (Sartori, 1994, p. 96).

Inscrição: D(is) M(anibus), Have Graegori, L(uci) Veraci L(uci) l(iberti), Terentiani, negot(iatoris) vinariari, qui vix(it) ann(is) XXXVIII, mens(ibus) IIII dieb(us) XXVI Aurelia Primiane et, marito karissimo et, Castricius Cassianus, fratri bene merenti. (Transcrição de Sartori, 1994: 96).

Para os deuses manes. Adeus Gregório. Lúcio Verácio Terenziano, liberto de Lúcio, negociante de vinho, que viveu 39 anos, 4 meses e 26 dias. [Dedicam] Aurélia Primeira, ao marido caríssimo, e Castrício Cassiano, irmão benemérito. (Tradução de Luciane Munhoz de Omena).

Para os deuses manes. Em vida, Segunda Bolana, filha de Marco, fez [este monumento] a si e a Vétia Civila, filha de Sexto, (sua) filha e a Marco Bolano Marcelo, filho de Marco, inscrito na tribo Anieno, seu irmão, quatrúviro com poderes de edil. Esta sepultura não se transmite a herdeiro. 15 pés na fachada e 30 pés de profundidade. (Tradução de Luciane Munhoz de Omena).

Em se tratando de famílias aristocráticas, sabemos que congregavam um grupo de pessoas sujeitas à *potestas* de um membro masculino; neste sentido, a *gens* compreendia todos os descendentes legítimos de um antepassado masculino comum (Consultar: Smith, 1986: 15). Neste caso, Segunda Bolana, mesmo dedicando o monumento à sua filha Vétia Civila, filha de Sexto, exalta, em específico, o seu pertencimento à *gens* Bolana.¹¹ Sabemos que a mulher não herdava o nome do marido e também não era, por conseguinte, submetida à sua autoridade legal. Ademais, após a morte do pai, a filha adulta poderia receber “os bens por direito próprio, comprar ou vender, herdar ou fazer testamento e libertar escravos” (Beard, 2016: 339). Ou seja, neste caso, Segunda Bolana devia dispor de recursos consideráveis herdados de seu pai, e ainda que não tenhamos esta informação, podemos inferi-la, já que ela, Bolana, comissiona a elegante estela funerária à sua *gens*. Mesmo tendo a obrigatoriedade de nomear um *tutor*, a inscrição nos permite arguir sobre a atuação dela, a qual imortaliza a *gens* Bolana. Apresenta-a logo na primeira linha do epitáfio, conferindo destaque à informação. Assim, o enaltecimento da família centraliza-se em seu irmão, Marco Bolano Marcelo. O mesmo encontra-se inscrito na tribo de Anieno, local de votação, tornando-se, dessa forma, evidente a sua condição de cidadão romano.¹² Aqui, temos o enobrecimento de Marcelo, lembrando que neste período, passagem do I ao II d.C., ser cidadão romano simbolizava ter um elevado *status* social, situação alterada somente em 212 d.C., quando temos a extensão da cidadania a todos os habitantes do império, diminuindo, deste modo, o caráter exclusivista da condição de cidadão (Cf. Guarinello, 2009; Beard, 2016).

¹¹ Em relação à *gens* Bolana, temos informações de sua presença em Roma. Sendo uma *gens* aristocrática, provavelmente estendeu suas posses além do Lácio, chegando à região de *Mediolanum*. Na obra *Vetus Latium Profanum*, datada por volta de 1742, Josepho Rocco Vulpio informa aos leitores acerca dos passos dos escritores antigos, como, por exemplo, na descrição de uma vila antiga em *Tusculum* que se acredita ter pertencido a Cícero. Apresentada em latim, a compilação informa que a *gens* Bolana seria ilustre e acrescenta ainda que um de seus membros, Horácio Bolano, seria um homem de caráter complacente. Informa também que a *gens* teria comissionado um monumento de pedra em sua honra. (Canina, 2012, 16). Segue o texto: “*Ex hoc oppido Familia & Gens Bolana Romae illustris suit. Ex qua Horatius Bolanum laudat ut ingenii mitis, patientis atque perfacilis (...) Bolanæ Gentis est lapis apud Fabrettum: VF\BOLANA. M. F. SECVNDA\ SIBI, ET. VECTIAE. SEX. F\ CIVILI. ET\ M. BOLANO. M. F. ANIENS\ ARCELLO FRATRI IIII. VIRO\ AEDIL. POTESTATE*”. (Josepho Rocco Vulpio. *Vetus Latium Profanum*, XII. 2.3).

¹² Temos outros epitáfios com a mesma menção, como ocorre com *Quintus Petilius Secundus*, que, ao morrer por volta de 50 d.C., assinala em seu epitáfio o fato de votar em *Oufentina*, mas de residir em *Mediolanum* (Cf. Carroll, 2006: 130).

A dedicante acrescenta ainda a magistratura de *quatrúviro com poderes de edil*. Na prática, esse cargo devia assegurar a administração da cidade nos setores da justiça, finanças, abastecimento de víveres, construções e manutenção da ordem pública. Em termos administrativos, tais atividades eram encarregadas aos magistrados e aos decuriões, com assento no conselho municipal, os quais assumiam o primeiro *aedilis* e, *a posteriori*, os duúnviros. Em *Mediolanum*, como se nota no epitáfio, possuíam os títulos *quattuorvir aedilicia potestate* ou *quattuorvir iure dicundo*, que, em um mandato de um ano, lhes permitiriam administrar a cidade, desempenhar cargos na questura urbana e ainda lhes dariam a oportunidade de serem investidos em funções religiosas municipais. Ademais, a cada cinco anos, para efeito de recenseamento, os *quattuorviri* assumiam a função de censores, passando à denominação *quattuorviri censoria potestate* ou *q. v. quinquenniales*. Ademais, em termos econômicos, deveriam contribuir com somas elevadas para o financiamento de construções de templos, anfiteatros, doações de alimentos, entre outros, o que possibilitava às elites locais alianças políticas, ampliando, deste modo, o espaço de negociação e interação social (Cf. Hingley: 2010). Não pretendemos, neste momento, aprofundar discussões sobre administração imperial ou reduzi-las aos dispositivos de poder, já que, como elabora Mary Beard (2016: 548),

Havia também um grande movimento de povos e bens através do império, que intensificavam a sua diversidade cultural, ao mesmo tempo que agregavam lucros enormes para alguns e faziam de outras vítimas.

Certamente, produzir reflexões críticas sobre o domínio romano é considerar o processo de integração, mobilidade, suntuosidade e atividades comerciais lucrativas; é também conjecturar sobre conflitos marcados sobretudo por ações de desobediência, negação ao pagamento de impostos, resistências passivas e contestações populares contra as elites locais e contra os romanos (Beard, 2016: 557). Entretanto, compreendemos que a política administrativa se tornava um contributo para a promoção das famílias locais. Não representava a única via, mas, como supomos, simbolizava a conquista de *potestas*. Em outros epitáfios, tendo como referência o mesmo contexto social de *Mediolanum*, mencionavam a presença de cargos, como, por exemplo, *scriba publicus* (espécie de secretário), *curator aerarii* (administrador de finanças) ou mesmo o *pontifex*, responsável pela assistência religiosa aos magistrados encarregados dos cultos tradicionais. Nestas circunstâncias, Segunda Bolana, sem ter outro herdeiro, já que informa aos passantes que: “esta sepultura não se transmite a herdeiro” – “*H(oc) m(onumentum) h(eredem) n(on) s(equetur)*” (Transcrição de Sartori, 1994: 38 Trad. Omena),

transforma *Marco Bolano Segundo* em protagonista, uma vez que o exercício de *quatrúnviro com poderes de edil* representava, como outrora já enfatizamos, fonte de poder. Subjacente a uma sociedade conflitiva e competitiva, a inscrição sepulcral imortaliza Segunda Bolana e seus familiares, tecendo uma complexa teia entre memória e poder.

Considerações finais

Ao reafirmar os interesses familiares, em prol do poder, Segunda Bolana imortaliza, portanto, seus familiares, enobrecendo, em especial, seu irmão Marco Bolano Segundo, pois, como pressupomos, a unidade e a estabilidade de sua *gens* projetavam-se na magistratura, tornando evidente o seu prestígio social. Em uma sociedade composta por tais diversidades político-culturais, a morte de um membro familiar englobava um complexo de práticas sociais que se expressavam em formas variáveis de comunicação social, política e religiosa; logo, a morte manifestava conflitos, hierarquias e dimensões mais particulares e emocionais da lembrança dos mortos no Mediterrâneo romano.

Agradecimentos

Somos gratas a Pedro Paulo Funari, Ana Teresa Marques Gonçalves, José Maria Teixeira e Luciano Succi pela possibilidade de troca de ideias. As reflexões desenvolvidas no decorrer do texto são de responsabilidade apenas das autoras.

Tradição textual

Cuerpo del Derecho Civil Romano. A doble texto, traducido al castellano del latino, por D. Ildefonso L. García Del Corral. Primera Parte, INSTITUTA – DIGESTA. TOMO I. Barcelona: Jaime Molina Editor, 1889.

PETRÔNIO. *Satíricon*. Trad. Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

STATIUS. *Thebaid*. Translation by J. H. Mozley, M.A. Cambridge: Harvard University Press, 1928. 2 v. (Loeb Classical Library).

VULPIO, Josepho Rocco. *Vetus Latium Profanum (Tomos Nonus)*. Romae: Bernabo & Lazzarinus, s\d.

Documento epigráfico

SARTORI, Antônio. *Guida alla sezione epigrafica delle raccolte archeologiche di Milano*. Milano, 1994.

Catálogo

CAPORUSSO, Donatella *et al.* *Immagini di mediolanum. Archeologia e storiadi Milano das V secolo a.C. al V secolo d.C.* Milano: Comunedì Milano, 2007.

Recurso online

<http://www.comoanditslake.com/musso.htm>. Acesso: 05 de agosto de 2017

Obras de referências

OXFORD DICTIONARIES. *Oxford Latin Dictionary*. London: Oxford at the Clarendon Press, 1968.

Saraiva, F. R. DOS Santos. *Novíssimo dicionário latino-português. Etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

Obras modernas

AUCLAIR, Valérie. L'oeil médusé. *Communications*, 85, pp. 79-101, 2009.

BEARD, Mary. *SPQR. Uma história da Roma antiga*. Trad. Pedro Carvalho e Guerra & Rita Carvalho e Guerra. Lisboa: Bertrand, 2016.

BIRK, Stine. Man or woman. Cross-gendering and individuality on third century Roman sarcophagi. In: ELSNER, Jás; HUSKINSON, Janet (Ed.). *Life, death and representation. Some new work on Roman sarcophagi*. New York\Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2011, p. 229-260.

BISCHOFF, Bernhard. *Latin paleography Antiquity and the Middle Ages*. New York: Cambridge University Press, 1986.

CANINA, Luigi. *Descrizione dell'antico Tusculo*. Roma: Dell'associazione Culturale Liber Liber, 2012. (Eletrônico: <http://www.liberliber.it/>).

CARVALHO, M. M.; FUNARI, P. P. A.; CARLAN, C.U.; SILVA, E. C. M. (Orgs.). *História Militar no Mundo Antigo*. São Paulo: Annablume, Fapesp, Unicamp, 2012. (3 volumes).

CARVALHO, M. M.; JOSÉ, N. F. (Orgs.). *Diversidades epistemológicas: A teoria aplicada à pesquisa histórica*. 01. ed. Curitiba: Prismas, 2017.

CARVALHO, M. M.; FUNARI, P. P. A.; CARLAN, C. U.; PAPA, Helena Amália (Orgs.). *Religiões e Religiosidades na Antiguidade Tardia*. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

CARROLL, Maureen. *Spirits of the Dead. Roman Funerary Commemoration in Western*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

CHARLES, Pietri. Inscriptions funéraires latines. *Reallexikon für Antike und Christentum*, XII, Stuttgart, p. 1407-1468, 1983.

COOLEY, Alison E. *The Cambridge Manual of Latin Epigraphy*. New York: Cambridge, 2012.

ECKARDT, Hella; WILLIAMS, Howard. Objects without a past? The use of Roman objects in early Anglo-Saxon graves. In: WILLIAMS, Howard. *Archaeologies of remembrance*. New York: Ka\PP, 2003, pp. 141-170.

CLO, Magdeleine. La panoplie de Persée: fonctions de l'objet-attribut. *Gaia: Revue Interdisciplinaire sur la Grèce Archaique*, n. 16, pp. 43-58, 2013.

GILLET, Pierre Emmanuel; MAHÉO, Noël. Sarcophages en plomb gallo-romains découverts à Amiens et dans ses environs (Somme). *Revue Archéologique de Picardie*, n°3-4, pp. 77-118, 2000.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Arqueologia e cultura material: um pequeno ensaio. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira et al. *Arqueologia do Mediterrâneo antigo*. Estudos em homenagem a Haiganuch Sarian. Campo Grande, MS: Life Editora, 2011, pp. 161-168.

_____. Império romano e identidade grega. In: FUNARI, Pedro P. A.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Política e identidades no mundo antigo*. São Paulo: Annablume, 2009, pp. 147-162.

HAWTREE, Laura. Animals in Epic. In: CAMPBELL, Gordon Lindsay. *Animals in Classical thought and life*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

HINGLEY, Richard. *O imperialismo romano*. Novas perspectivas a partir da Bretanha. São Paulo: Annablume, 2010.

HODDER, Ian. *The present past*. An introduction to Anthropology for Archaeologists. England: PEN & SWORD BOOKS LIMITED, 2012.

HUSKINSON, Janet. Iconography: another perspective. In: RAWSON, Berly; WEAVER, Paul. *The Roman in family: status, sentiment, space*. Oxford: Oxford University Press, 1999, pp. 233\238.

_____. *Roman children's sarcophagi*. Their decoration and social significance. Oxford: Oxford Monographs on Classical Archaeology, 2006.

_____. Constructing childhood on roman funerary memorials. *Hesperia Supplements*, vol. 41, Italy, pp. 323-338, 2007.

JACQUELINE, Genet. Yeats et la mort. *Études Irlandaises*, nº30 nº1, pp. 37-54, 2005.

KEPPIE, Lawrence. *Roman Inscriptions*. Baltimore: Taylor & Francis e-Library, 2002.

LAURENCE, Ray. Introduction: from oikos to familia. Looking forward? In: LAURENCE, Ray; STRÖMBERG, Agneta. *Families in the Greco-Roman World*. London and New York, 2012, p. 01-09.

LING, Roger. Mosaics. In: BORG, BARBARA. *A Companion to Roman Art*. Oxford: John Wiley & Sons, Ltd, 2015, pp. 268-285.

LORENZ, Katharina. Wall Painting. In: BORG, Barbara E. *The art Roman*. Oxford: Wiley Blackwell, 2015, pp. 252-267.

MACKNNON, Michael. Fauna of the Ancient Mediterranean world. In: CAMPBELL, Gordon Lindsay. *Animals in Classical thought and life*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

NEWBY, Zahra. In the guise of gods and heroes: portrait heads on Roman mythological sarcophagi. In: ELSNER, Jás; HUSKINSON, Janet (Ed.). *Life*,

death and representation. Some new work on Roman sarcophagi. New York\Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2011 (p. 189-228).

OMENA, L.; FUNARI, P. P. A. (Orgs.). *Práticas Funerárias no Mediterrâneo Romano*. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2016.

OMENA, L. M.; FUNARI, P. P. A. (Orgs.). *Experiências sociais da morte: diálogos interdisciplinares*. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco Editoria, 2017.

OMENA, Luciane Munhoz; FUNARI, Pedro P. A. O ridículo de um funeral: a simbologia da morte na sátira *Apocolocyntosis* de Sêneca. In: OMENA, Luciane Munhoz; FUNARI, Pedro P. A. *As experiências sociais da morte: diálogos interdisciplinares*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017, pp. 53-80 (d).

_____. Tecendo o fio entre memória e morte à luz do *tumulus* de Otávio Augusto. In: OMENA, Luciane M. de; FUNARI, Pedro Paulo A. *Práticas funerárias no mediterrâneo romano*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016, pp. 69-104 (c).

_____. O fio da memória: o condutor dos mortos nos *Parentalia*. In: BORGES, Airan & SOUTELO, Raquel Soutelo. *Escrito para a eternidade: a epigrafia e os estudos da antiguidade*. Curitiba: Ed. Appris, 2017(a).

_____. Reminiscencias de la muerte y la divulgación del dolor en la estela funeraria de Lucius Trebius Divus. *Anuario del Centro de Estudios Históricos "Prof. Carlos S. A. Segreti"*, Córdoba (Argentina), año 14, n° 14, pp. 173-181, 2014 (b).

_____. Lamento e dor: tradução do epitáfio de Lúcio Trébio Divo (séc. III-IV d.C.). *Revista Est. Fil. e Hist. da Antiguidade*, Campinas, n° 29, jan-dez, pp. 195-206, 2015.

OMENA, Luciane Munhoz de; CARVALHO, Margarida Maria de. Morte e gênero em Sêneca: um diálogo com os vestígios da cultura material. *Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*, São Paulo, Anablume, pp. 223- 244, 2014.

REIS, João José. *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REMESAL, José Rodríguez. Aspectos legais do mundo funerário. In: OMENA, Luciane M. de; FUNARI, Pedro Paulo A. *Práticas funerárias no mediterrâneo romano*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016, pp. 25-46.

RIESS, WERNER. Rari exempli femina: Female Virtues on Roman. Funerary inscriptions. In: JAMES, Sharon L.; DILLON, Sheila (Ed.). *A companion to women in the Ancient World*. London: Blackwell Publishing Ltd., 2012 (p. 491-501).

SCHEID, John. Les reliefs du mausolée d'Igel dans le cadre des représentations romaines de l'au-delà. *L'antiquité Classique*, Tome 72, pp. 113-140, 2003.

SMITH, C. J. *The Roman Clan*. The gens from Ancient ideology to Modern Anthropology. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

WALLACE-HADRILL, A. *Rome's cultural revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.